

ROSEMARA CELESTE SALVADOR RIBEIRO CASSIMIRO

**“ENTRE! PORTAS: OUVINDO AS VOZES DA
MEDIÇÃO”**

SESC SÃO PAULO - CENTRO DE PESQUISA E FORMAÇÃO

SÃO PAULO

2018

ROSEMARA CELESTE SALVADOR RIBEIRO CASSIMIRO

**“ENTRE! PORTAS: OUVINDO AS VOZES DA
MEDIÇÃO”**

Trabalho de Conclusão de Curso
Apresentado ao Centro de
Pesquisa e Formação do Sesc São
Paulo sob a orientação da
Pesquisadora Emily Fonseca de
Souza como um dos requisitos
para a certificação no Curso Sesc
de Gestão Cultural.

SESC SÃO PAULO - CENTRO DE PESQUISA E FORMAÇÃO

SÃO PAULO

2018

Sumário

Abrindo as portas e reconhecendo os sons	04
Aplicando as vozes da mediação.....	07
Primeira audição	11
Ecos da primeira audição.....	20
Bibliografia.....	21
Anexos: melodias que surgiram durante o caminho.....	22

Abrindo as portas e reconhecendo os sons

...

*PORTA que limita os espaços mas com possibilidade de integrá-los.
Pode ser simples ou sofisticada; bela na sua função de abrir caminhos...
porém dura, quando exerce fechamento, tranca.*

*ALEGRIA é sorriso, brilho nos olhos, coração disparado, euforia;
som de risos e a brisa em dia de calor.*

*ILUMINADO é o caminho por onde nos permitimos andar,
às vezes tropeçar, até cair e desanimar,
desde que tenhamos forças para levantar.
É também caminho do pensar, com a ajuda de outros que nos falam,
nos escrevem e nos contam experiências vividas...
e através deles fazemos nossa trajetória,
compomos nossa própria história.*

*POESIA é a vida; são as flores, as cores...
É a melodia bem tocada, que move quem a ouve.
É letra bem falada pela voz dos (EN)cantadores.*

...

(JOGO – Rosemara – janeiro de 2018)

Estamos num momento em que, diante de tantas opções, em todas as áreas, temos que exercitar a autonomia e aprender a escolher, tomar decisões que correspondam ao nosso bem estar pessoal e profissional. Diante disso, a mediação cultural necessita de investigação e reestruturação de sua prática.

O conceito de mediação remete ao de aproximação. Por isso, o mediador pode promover uma interação entre o sujeito e o objeto, que é motivo de sua prática. Pensar a partir deste lugar, do entre, mas que, ao mesmo tempo, significa não se colocar no meio, mas se colocar mais ao lado, absorvendo o processo que é vivenciado pelo sujeito,

naquele momento, que se interessa ou não em compartilhá-lo com você. Um lugar que está mais no através de, do que no apesar de... Olhar pelo caminho que o outro processou para chegar num caminho comum, ao lado. Promover a autonomia diante deste objeto, incentivando o pensar, encorajando a interação entre eles.

A prática da empatia é muito importante na mediação. É se colocar no lugar do outro para entender o processo pelo qual adquire autonomia diante determinada situação.

Muitas vezes, um mediador, ao invés de promover uma interação agradável, que vá ao encontro ou surpreenda as expectativas do outro, provoca uma situação de repulsa ou até de desvalorização daquilo que lhe é precioso.

Nestes vinte e cinco anos como professora da Rede Municipal de Educação, no município de Botucatu, pude vivenciar propostas de atualização pedagógica oferecidas pelas equipes técnicas que compuseram a Secretaria de Educação em seis gestões diferentes. Muitos dos cursos e oficinas eram optativos, mas a maioria, principalmente nos últimos anos, foi impositiva, desconsiderando assim, a escolha pelos profissionais da Educação, que fariam uso dessa formação na sua prática. Entretanto, observei que quando havia opção de escolha pelos profissionais, os resultados e a difusão das experiências eram muito mais significativos e eficazes, pois promoviam entre eles, uma interação espontânea.

Em situações inversas que envolviam, inclusive, saídas de sala de aula com os alunos, o profissional que não encontrava sentido naquela ação, influenciava negativamente o seu grupo. Desde então, questiono-me sobre o que seria mais importante: garantir o acesso a todos os alunos, mesmo sob o risco de uma experiência afetada negativamente pelo trabalho de um mediador profissional – porque este pode não reconhecer a maneira mais adequada de conversar com seu público; ou promover - outra situação que garanta o acesso, mas com um profissional realmente mobilizado e envolvido com a ação, que não precisaria ser necessariamente o responsável legal pelo grupo?

Continuo me perguntando se há possibilidade de oferecermos opções e não imposições, para aproximarmos as ações educativas da Galeria Fórum das Artes,

município de Botucatu, às expectativas dos profissionais que encontram sentido, nos espaços educativos, fora da escola, podendo contribuir à sua prática pedagógica.

Aplicando as vozes da mediação

Às vezes é difícil falar pela voz, mas é possível falar pela escrita.

O tempo da escrita é mais democrático porque quem determina o tempo da fala é o autor e consequentemente o ouvinte, também chamado leitor, administra o tempo e a frequência dessa voz.

Ouvir na escrita só é possível se a voz do autor já foi experimentada em algum momento, seja pessoalmente, por mídia auditiva ou audiovisual.

Assim, ao ler sua escrita também ouvimos a voz que emana dela.

Quase como um diálogo, particular...

Podemos conhecer a autoria, a sensibilidade, o processo de pensamento e experiência organizada de cada um, que disponibiliza publicamente, seu conhecimento ou seu saber.

(Um processo de mediação escrita – Rosemara – março/2018)

Antes de iniciar a busca por referências que ajudassem a pensar sobre a mediação, uma leitura de Paulo Freire sobre ação cultural despertou reflexões que contribuiriam para o processo de discussão aqui pendido.

O primeiro texto, **Considerações em torno do ato de estudar**, escrito em 1968, no Chile, serviu de introdução à relação bibliográfica que foi proposta aos participantes de um seminário nacional sobre educação e reforma agrária. Nele, Paulo Freire firma um pacto com os leitores a fim de que estes se comprometessem com o ato de estudar. Também relata a responsabilidade de quem indica a bibliografia e o papel motivador que exerce diante dela. Assim ele diz:

“Toda bibliografia deve refletir uma intenção fundamental de quem a elabora: a de atender ou a de despertar o desejo de aprofundar conhecimentos naqueles ou naquelas a quem é proposta. Se falta, nos que a recebem, o ânimo de usá-la,... se frustra, então a intenção fundamental referida.” (2015 - p. 9)

O trecho diz respeito ao ato de estudar, o esforço e a criticidade que o leitor deverá ter diante do texto. Desta forma, ele deverá posicionar-se diante do que lê; assumir, então, o seu lugar no mundo, seu papel como cidadão:

“Estudar é, realmente, um trabalho difícil. Exige de quem o faz uma postura crítica, sistemática. Exige uma disciplina intelectual que não se ganha a não ser praticando-a.[...]. Numa visão crítica,..., o que estuda se sente desafiado pelo texto em sua totalidade e seu objetivo é apropriar-se de sua significação profunda.” (p.10)

Então, elabora cinco premissas sobre a postura crítica que o indivíduo deve ter ao estudar:

- assumir o papel de sujeito deste ato.

...“estudar o estudo de quem escreveu o texto;... buscar as relações entre o conteúdo em estudo e outras dimensões afins do conhecimento;... é uma forma de reinventar, de recriar, de reescrever – tarefa de sujeito e não de objeto”. (p.11)

- o ato de estudar é uma atitude diante do mundo.

...“Os livros em verdade refletem o enfrentamento de seus autores com o mundo... Estudar é também, e sobretudo, pensar a prática, e pensar a prática é a melhor maneira de pensar certo”. (p.12 e 13)

- o estudo de um tema específico exige do estudante que se ponha, a par da bibliografia que se refere ao tema ou ao objeto de sua inquietude.

- estudar é assumir uma relação de diálogo com o autor do texto, cuja mediação se encontra nos temas de que ele trata. Isto implica na percepção do condicionamento histórico-sociológico e ideológico do autor, que nem sempre é o mesmo do leitor.

- o ato de estudar demanda humildade.

...“Humilde e crítico, [o leitor] sabe que o texto, na razão mesma em que é um desafio, pode estar além de sua capacidade de resposta. ... [assim] deve reconhecer a necessidade de melhor instrumentar-se para voltar ao texto em condições de entendê-lo. ... A compreensão de um texto, exige trabalho paciente de quem por ele se sente problematizado. ... Estudar não é um ato de consumir ideias, mas de criá-las e recriá-las.”(p.14)

Além de nortear o caminho pelo qual observaria diferentes mediações, a leitura de Paulo Freire seria referência que promoveria uma autonomia de decisão em relação ao tipo de formação que seria proposto aos profissionais da educação ouvidos para esta pesquisa.

A concepção de formação defendida por Freire considera este processo como troca constante, dialógica e de aprendizagem mútua, assim diz:

“É preciso que desde os começos do processo, vá ficando cada vez mais claro que, embora diferentes entre si, quem forma se forma e re-forma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado. ... Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender.”(2006 - p.23)

O movimento de reciprocidade consciente no processo de formação exige dos sujeitos envolvidos um compromisso na ação. Ação esta que ele chama de transformadora, na qual o pensar crítico sobre a realidade vivida deve ser permanente. Para esta atividade ser realizada é necessário romper com a “cultura do silêncio”; aquela que inibe as novas relações humanas, impedindo que a troca de experiências seja efetivada.

Fazendo uma substituição, na leitura do texto abaixo, do termo camponês por educadores, sujeitos da ação, porque foi elaborado no contexto da Reforma Agrária, a reflexão se faz pertinente:

“A ação cultural que se orienta no sentido da síntese cultural tem seu ponto de partida na investigação temática ou dos temas geradores, por meio da qual os camponeses iniciam uma reflexão crítica sobre si mesmos, percebendo-se como estão sendo. Ao refazer sua percepção anterior da realidade, os camponeses alcançam, assim, o conhecimento do conhecimento anterior. Desta forma ampliam o marco do conhecer, percebendo, em sua “visão de fundo”, dimensões até então não percebidas. (2006 - p. 52)”

Dialogando com a postura de Freire, diante da formação para autonomia, caminhando entre as portas que se abriram para o estudo da mediação, o conceito que Dewey propõe sobre a experiência, nos ajudará a refletir sobre o objeto de conhecimento e suas relações entre os fruidores.

Citado por Rita Demarchi em “Experiências estéticas: aberturas e marcas, vivas e vividas” In: pensar juntos mediação cultural: [entre]laçando experiências e conceitos, John Dewey (2010 – p.110) revela a preciosidade da experiência singular; aquela jamais esquecida porque transformou a percepção do sujeito naquele momento.

Para Dewey (2010, p.110) “*uma* experiência” se refere àquela “experiência singular”, que pontua uma etapa em uma trajetória, que pode nos modificar, transformar, trazer um sentido aprofundado. Experiência singular ressaltada pelo artigo sublinhado *uma*. Também impulsiona a expansão e o estabelecimento de relações com outros momentos, conhecimentos, etapas e experiências. [...] Dewey defendia a vivência prática do mundo. A partir de suas ideias, compreende-se que é no cotidiano e no concreto que, de várias formas, são construídas as experiências significativas, em meio a todo tipo de possibilidades, acontecimentos e objetos. Experiências variadas, diz Dewey (2010, p.110, grifo do autor), que podem ou não envolver a arte e têm em comum o caráter de integração e consumação:

“Determinado trabalho termina de modo satisfatório; um problema recebe sua solução, [...] [a experiência] é tão íntegra que seu fim é a consumação e não uma cessação. Tal experiência é um todo e traz consigo sua própria qualidade individualizadora de autossuficiência. É *uma* experiência.” (p. 68e 69)

Esta reflexão escrita por Dewey em 1931 corresponde intensamente com a nossa época:

“O gosto pelo fazer, a ânsia de ação, deixa muitas pessoas, sobretudo no meio humano apressado e impaciente que vivemos, com experiências de uma pobreza quase inacreditável, todas superficiais. Nenhuma experiência isolada tem a oportunidade de se concluir, por que o indivíduo entra em outra coisa com precipitação [...] situações em que se possa fazer o máximo de coisas no prazo mais curto possível”(Dewey, 2010, p. 123)

[...] mesmo em cidades menores, vivemos ou sobrevivemos em uma época de excessos, uma avalanche de acontecimentos, estímulos e informações. O trabalho pede sempre mais, a internet desvela um universo infinito de informações, conexões e concepções de saberes, um grande número de pessoas e coisas nos interpelam diariamente... Sentimos o tempo insuficiente, vivemos, corremos, tentamos nos equilibrar em meio a um leque de demandas e acontecimentos que nos atingem em diversas esferas – que vão das mais amplas socialmente às mais individuais e particulares. Forças anestésicas que demandam esforço para nos desvencilharmos... O problema é que tantas vezes sem perceber, sem discernimento, transitamos com o “piloto automático” da anestesia para nos protegermos do que possa ser dolorido, incômodo ou estranho em nosso cotidiano. Com isso, perde-se a percepção sobre a riqueza da paisagem do mundo e os seres que a habitam, perde-se muito...

Há também uma herança cultural específica que afeta a abertura diante da multiplicidade dos fenômenos: o apego à ideia de que a estética estaria relacionada exclusivamente à arte, e mais ainda, à arte bela e agradável. (p. 75)

[...] não se trata de assumir postura crítica e considerar tudo que é exposto como relevante. Há que se cultivar o repertório, buscar o contato e a compreensão e fazer a seleção diante da overdose de criações e meios que trazem obras de todos os períodos, inclusive o atual. Mas como ter crítica se não houver abertura para conhecer primeiro? Manter a abertura e o discernimento diante do desconhecido não é tarefa fácil, nunca foi. Compreender a anestesia, nossos entraves e dificuldades, assim como qualquer apreciador, esse que pode ser nosso aluno diante das obras, é algo revelador. [...]

Assim como a arte não se restringe à beleza, a experiência estética não se limita ao envolvimento com o belo e agradável. Mesmo quando se trata de uma experiência agradável, um aspecto importante é o de que junto com o prazer envolvido na experiência, há também uma face inquietante e desestabilizadora, algo sofrido, dolorido, o “padecer” a que Dewey se refere. Esse padecer está ligado ao ato reflexivo sobre a ação realizada, na qual o sujeito se alterna entre o que faz e o que “fica sujeito a algo, sofre algo”. (p. 76)

[...] Entre as principais lições que tenho aprendido nos últimos anos está a percepção de que apesar de a experiência ser pessoal e intransferível, cada um apenas pode ver e sentir por si; podemos ver e desfrutar juntos. Além da riqueza incomparável do encontro com a obra, um dos maiores prazeres da fruição se refere ao encontro entre as pessoas! Nós, professores e mediadores, não estamos do lado de fora, mas independentemente das diferenças de idade, de experiência e de papéis, não deixamos de ser apreciadores junto de apreciadores – o que será de nós se perdermos a dimensão de amantes da arte? A diferença talvez seja de que, como mediadores, olhamos mais para o outro e para tudo o que acontece, para favorecer as relações. Estamos juntos no processo de mediação, no “maravilhamento”, entre mil possibilidades de exploração e a impossibilidade de dar conta do inesgotável inerente à arte e à cultura. (p. 80)

Tal qual na vida, diante da riqueza desse universo, a profundidade e a qualidade é o que valem, na contramão do que o viés consumista prega. Às vezes, diante do excesso, movemo-nos ávidos por querer “fazer render mais”, ansiosos por cumprir planos e cronogramas, para expor trabalhos finalizados, em fornecer grande número de informações e receber palavras claras que nos indiquem que tudo está correndo bem... É preciso dosar, buscar encontrar a justa medida entre o estímulo e o repouso. Fazem-se necessários o mergulho e momentos de quietude.

É difícil, mas penso que seja valioso e possível compreendermos que tantas vezes faltam palavras. As palavras são a ponta do *iceberg* da experiência... e há uma diversidade de silêncios e tempos à experiência de cada um, e expandirmos em nossas ações a face qualitativa do silêncio e do tempo. (p. 81)

A experiência estética requer um “lançar-se na vida”; uma postura despojada e corajosa, antídoto contra a anestesia, o preconceito, o engessamento e a mecanização. (p. 82)

As palavras de Rita Demarchi revelam a empatia própria de alguém, que inserida no campo da mediação, contextualiza essa prática. Sob um olhar minucioso nos oferece a oportunidade de refletir a partir de ações comprometidas com a fundamentação na experiência estética.

Concluindo essa trajetória com Paulo Freire, Dewey e Rita acredito poder iniciar a proposta de trabalho rumo à autonomia através da experiência estética. É um desafio possível, desde que considere a ação entre sujeitos que se formam e estejam dispostos a ouvir as vozes da mediação.

Primeira audição

*O silêncio é meu companheiro,
nele ouço meu corpo, sua voz, meu pensamento.*

*O silêncio me traz lembranças,
letras de música e o desalento.*

*O silêncio é volume de vozes
organizando o meu pensamento.*

(C O M P A N H E I R O – Rosemara – março /2018)

Desde outubro de 2017 tenho idealizado a ação da pesquisa através de leituras sobre mediação cultural mas somente em Janeiro é que encontrei um caminho entre tantos possíveis. Distanciando um pouco da leitura, passei a ouvir as vozes que medeiam diariamente, grande quantidade de “público”, das mais variadas faixas etárias e alimentadas pelo ideal de educação que pulsa em sua vida profissional. Ouvi professores e professoras da rede pública que dedicaram cinco dias de suas férias para continuarem a busca por uma mediação mais autônoma. Por esse motivo, acredito que a autonomia é inerente à profissão educativa; apesar de existirem sistemas de ensino apostilados, que muitas vezes esmagam a autonomia, porque exigem preenchimento de lacunas em papéis controlados pelo tempo bimestral.

A pesquisa surge da necessidade de comprovar uma observação que faço há muitos anos na rede municipal de ensino de Botucatu e que emergiu quando participei de um curso denominado **Laboratório de materiais educativos: interdisciplinaridade em museus**, promovido pelo Museu Paulista, no 15º USP Escola em janeiro de 2018.

Além de ouvir aqueles que escolheram a formação do Museu Paulista, no 15º USP Escola (Instituto de Física da USP), cidade de São Paulo, entre 15 e 19 de janeiro, durante as férias, ouvi também, os profissionais da educação do município de Botucatu, que ainda não tiveram oportunidade de receber uma formação que atenda e respeite suas expectativas.

Para realizar a pesquisa, que chamo aqui, de “audição”, foi necessário elaborar questões que pudessem demonstrar a opinião dos profissionais da educação em relação

à mediação em ações culturais. A elaboração do questionário teve lugar em Fevereiro de 2018 e o de aplicação do questionário de opinião, entre oito de Março e quatro de Abril deste mesmo ano.

Descrição da Pesquisa

Ao entrar no portal das inscrições para realização do Curso, no 15º Usp Escola, percebi que o número de inscritos era maior que a oferta de vagas e o critério para contemplá-las era a realização de sorteio. Neste momento ocorreu a primeira questão: o que leva esses professores, que estão em férias, procurarem um curso direcionado à confecção de material educativo para um museu? Se o museu dispõe de equipe educativa, por que se preocupar com a confecção de materiais e com a interdisciplinaridade? Assim também, em férias, fui compartilhar deste momento de formação e produção, oferecida pelo Museu Paulista do qual farei uma descrição focada na mediação do conteúdo desenvolvido.

Toda mediação foi realizada pela equipe educativa do Museu Paulista, representada pela educadora Isabela Ribeiro de Arruda e estagiárias; pela Profª Cecília Helena Salles de Oliveira (responsável pela abordagem histórica - **Expedições científicas: Brasil como campo de investigação.**); pelo Rodrigo Irconi – supervisor técnico do SVDHICO (**Processo de documentação de acervos no “Serviço de Documentação Histórica e Iconografia”**); por Ina Hegert - restauradora do Museu Paulista e Cristina Sanches - professora do curso de Conservação e Restauro do SENAI Theobaldo (- **Papel, tinta, encadernação: como é feita a caderneta; - Processo de restauro: caracterização físico-química da caderneta; - Processo de restauro: escolhas e pesquisa**); pela Profª Márcia Rizzutto - Instituto de Física /USP (- **Processo de restauro: ver o invisível**) e pela equipe do Centro de Estudos e do Museu Republicano “Convenção de Itu” (**reserva técnica, biblioteca, arquivos e exposições - “Viagens fluviais: homens e canoas na rota das monções” e “A expedição Langsdorff nos traços de Hercule Florence” na cidade de Itu.**

O curso ocorreu entre os dias 15 e 19 de janeiro, das 10 às 17 horas. Ao final de todo dia (com exceção de 18 de janeiro), das 15h30 às 17h, a equipe educativa do

Museu Paulista realizava oficinas para elaboração de projeto educativo considerando o tema proposto durante cada encontro. O último dia foi totalmente direcionado para o fechamento e apresentação dos projetos elaborados sobre o tema/objeto “A caderneta de Adrien Taunay”.

Destaco aqui a importância da mediação realizada por Isabela para o êxito e sucesso das oficinas que resultaram na elaboração de materiais educativos que contemplassem todos os níveis de educação, ou seja, desde a educação infantil até o ensino médio, já que todos os níveis tinham sua representação. Ao final das apresentações, ela explicou que os projetos iriam compor o site do educativo e seriam disponibilizados ao público do Museu Paulista.

Após toda experiência no curso, voltei com muitas ideias que reforçavam minhas questões em relação à ação educativa da Galeria Fórum das Artes como por exemplo:

- Porque realizar formação com os coordenadores de escolas e não com os professores?
- Será suficiente, somente um encontro prévio às exposições, para motivar os professores a frequentarem a Galeria?
- Qual o motivo para a Galeria receber tão poucas visitas, na medida em que o total de escolas na rede municipal é de aproximadamente 54 unidades?
- Como proporcionar aos professores, possibilidades de tornarem o espaço público de ação cultural, uma extensão de sua prática pedagógica?

Ao comparar a vivência com os professores no “USP Escola” e a formação proporcionada aos coordenadores da rede pública de ensino municipal, notei que as ações e mediações durante o curso promoviam a autonomia em relação às decisões que os professores deveriam ter para a elaboração do material que seria desenvolvido junto àqueles alunos (público) aos quais estavam direcionando sua ação.

Procurou-se verificar o interesse na formação para uma mediação autônoma, através de uma pesquisa de opinião, que envolveria tanto os professores que vivenciaram a mediação do Museu Paulista quanto àqueles que poderão vivenciar a mediação na ação educativa na Galeria. Para efetivar a pesquisa, foi necessária a

elaboração de um questionário com perguntas sobre a mediação educativa realizada em ações culturais.

Para obter as respostas não somente dos professores, mas, de profissionais da educação como motoristas, inspetores, agentes de bibliotecas, entre outros, as questões foram direcionadas à **importância da ação cultural extra classe, como contribuição à prática pedagógica e o tipo de mediação que o profissional da educação espera da equipe educativa.**

A pesquisa de opinião foi realizada através de enquete pelo site da educação, no município de Botucatu e pelo e-mail, aos professores participantes do curso no USP Escola.

A partir das respostas a cada uma das perguntas, que seguem abaixo, discute-se os resultados para a compreensão da intenção da autonomia nos processos de mediação. Destaco aqui, a participação espontânea tanto por email quanto pelo site. Por email foram encaminhados 22 formulários e pelo site, o profissional da educação deveria informar o número de seu RI (registro de identificação) para liberar a participação, garantindo assim que apenas funcionários da Secretaria Municipal de Educação acessassem a enquete.

A divulgação da pesquisa foi realizada através de email aos diretores das Unidades Escolares, à garagem da Educação e aos técnicos de cada segmento da Educação Básica; pretendia-se atingir aproximadamente 1300 funcionários. O convite à participação na pesquisa também foi realizado durante as reuniões de coordenadores da Educação Infantil, Especial e de Ensino Fundamental I e II.

Professores de São Paulo	Participantes	%
Educação Infantil	2	28,55
Fundamental I	1	14,29
Fundamental II	1	14,29
Ensino Médio	1	14,29
Ensino Superior	1	14,29
Estagiário do educativo do Museu Paulista	1	14,29
Total	7	100

Função – profissionais da educação	Participantes	%
Agente atividades escolares	2	1,83
Atendente de creche	3	2,75
Auxiliar administrativo	1	0,92
Auxiliar de escritório	6	5,50
Auxiliar de serviços gerais	3	2,75
Bibliotecário	1	0,92
Diretor escolar	1	0,92
Inspetor de alunos	2	1,83
Intérprete em libras	1	0,92
Professor educação básica	87	79,82
Psicólogo	1	0,92
Técnico de informática	1	0,92
Total	109	100

1) Você frequenta ações culturais?

Respostas	Botucatu	São Paulo
sempre	16,50%	57,10%
às vezes	78%	42,90%
nunca	5,50%	0%

Analisando esta questão, a maioria em Botucatu, não dá prioridade às ações culturais enquanto os professores de São Paulo apresentam maior adesão à frequência das mesmas.

2) Se frequenta ações culturais, com qual intenção?

Respostas	Botucatu	São Paulo
Entretenimento ou lazer	71,84%	22,22%
Aprimoramento	5,82%	33,33%
Fruição/apreciação	22,34%	44,45%

Em Botucatu, a intenção de frequentar ações culturais ainda é, na sua maioria, para entretenimento enquanto em São Paulo há um envolvimento mais consciente na ação escolhida.

3) Assinale três, das ações culturais abaixo, que mais lhe interessam.

Respostas	Botucatu	São Paulo
Visita ao museu	14,60%	23,80%
Exposição de arte	10,40%	19,05%
Sarau literário	2,30%	0%
Dança	8,70%	0%
Música	16,80%	14,30%
Teatro	21,70%	19,05%
Cinema	22,30%	23,80%
Circo	3,20%	0%

A preferência de ações culturais coincide em cinema, mas diverge quando em Botucatu as próximas são música e teatro; em São Paulo, cinema empata com museu e outro empate entre exposição de arte e teatro.

4) Quais atividades você acredita que contribuiriam para uma melhor compreensão da ação cultural?

Respostas	Botucatu	São Paulo
Informação antecipada por escrito	52,40%	50%
Conversa, minutos antes, no local da ação cultural	27,20%	25%
Dinâmica de grupo após a ação cultural	20,40%	25%

Interessante como a informação antecipada, talvez como garantia do que é esperado, também aparece na mesma proporção com os dois grupos.

5) Como profissional da educação, você gostaria de vivenciar atividades, para que essas ações culturais sejam incluídas em sua prática pedagógica?

Respostas	Botucatu	São Paulo
sim	86,50%	100%
não	13,50%	0%

Considerando que as ações culturais mais frequentadas pelos dois grupos são cinema, teatro, museu, música e exposição de arte, há que se verificar o porque das outras ações serem pouco apreciadas já que são oferecidas nos dois contextos, talvez em menor escala. Esses dados também nos oferecem pistas das quais podemos partir enquanto formação, para integrar o rol de atividades dos participantes. Iniciar a formação, utilizando como suporte, os objetos daquelas ações preferidas, pode colaborar para que a ação educativa de formação seja mais atrativa.

6) Durante a ação cultural com seu grupo de alunos ou equipe de trabalho, você gostaria da presença de um profissional do educativo que os acompanhassem?

Resposta	Botucatu	São Paulo
sim	96,80%	100%
não	3,20%	0%

7) Gostaria de realizar o papel desse profissional do educativo, com seu grupo, seja ele da equipe de trabalho ou os alunos?

Resposta	Botucatu	São Paulo
sim	45,60%	100%
não	54,40%	0%

Reflexão sobre as questões 6 e 7.

Foi unânime na questão 6, a opção pelo profissional que acompanhe a ação, mas não significa que este deva apresentar uma postura impositiva ou condutora, pode estar ao lado, para contribuir durante o roteiro proposto.

A postura mediadora do profissional do educativo depende da fundamentação teórica que norteia a ação do grupo. É esperado que toda equipe de mediação tenha um preparo na direção de promover a interação entre sujeito e objeto na ação cultural.

Esta pergunta, número 7, é a que mais representa minha percepção quanto a mediação na ação cultural.

O grupo que participou da mediação para autonomia, com a elaboração do material educativo no curso USP Escola, respondeu que gostaria de realizar o papel do profissional do educativo, mas mesmo assim não recusou a sua presença considerando assim, a importância deste para uma suposta contribuição na ação.

Já o grupo que ainda não participou deste processo e representado pelos 54,4%, prefere que a mediação seja feita pelo profissional do educativo, concentrando nele, a expectativa de interação durante a ação cultural; essa opção pode evidenciar pouca autonomia ou insegurança, em relação ao objeto da ação. Tal postura leva a refletir sobre duas questões: se considera a ação cultural como possibilidade de extensão de sua prática pedagógica? A ação cultural se encontra num nível de lazer e entretenimento, mesmo quando é sugerida durante sua prática pedagógica?

8) Se respondeu sim na pergunta anterior, de que forma você gostaria de receber essa formação?

Resposta	Botucatu	São Paulo
no seu local de trabalho, incluindo sua equipe	62,60%	42,90%
no local do evento com outros profissionais	37,40%	57,10%

9) Em que período/dia, fora do horário de trabalho, você estaria disponível para participar?

Respostas	Botucatu	São Paulo
manhã	9,30%	0%
tarde	16,30%	12,50%
noite	53,60%	25,50%
sábado	20,80%	62%

As respostas das perguntas 8 e 9 correspondem ao operacional da proposta de formação, particular a cada grupo, considerando que residem em cidades diferentes. É interessante notar a disponibilidade do grupo de Botucatu para a formação no período noturno e a sua maioria optou por ter a formação no local de trabalho. Talvez seja um dado que revela um “comodismo” ou até mesmo, a necessidade de uma formação mais individualizada.

O grupo de São Paulo talvez prefira aos sábados por conta da mobilidade até o local do evento, que foi a opção da maioria.

10) A arte é importante para sua vida:

Respostas	Botucatu	São Paulo
peçoal	4,70%	0%
profissional	2,80%	0%
peçoal e profissional	92,50%	100%
nenhuma das anteriores	0%	0%

Nesta última fica claro que os dois grupos reconhecem a importância da arte tanto para a vida pessoal quanto para a vida profissional. Então devemos também pensar na necessidade de promover ações culturais que atendam os grupos ou equipes de trabalho, proporcionando assim oportunidades de encontro, em ações culturais diversas, que atendam às suas necessidades.

Ecos da primeira audição

A experiência de ouvir para depois planejar o agir é muito significativa quando se tenta considerar um espaço para a autonomia. Partir de questões simples, num primeiro momento, representa a postura que nos coloca diante de uma ação. Que compromisso assumir a partir deste contexto? Quais as parcerias envolvidas? O que e como oferecer a proposta de ação?

Agora, diante destes dados e informações resta agir; buscar meios de realizar uma formação que passe pela experiência e se efetive numa busca constante da autonomia. Um exercício, enquanto equipe educativa, parceira da Educação e que tem a pretensão, mesmo que em escala gradativa, sem pressa, promover a autonomia dos profissionais da educação e conseqüentemente dos educandos envolvidos nesta ação.

Considerando que a proposta de formação deve utilizar os dados coletados na pesquisa, a primeira ação, deverá ser a aproximação dos profissionais, no espaço de trabalho, à noite, utilizando as linguagens mais cotadas como: cinema, teatro, música e artes visuais (museu e exposição de arte). Esta aproximação deve evidenciar que a presença ou frequência destes profissionais, no contexto de ações culturais é imprescindível; notando que, na questão dez, 92,5% revelou que a arte é importante tanto para a vida pessoal quanto à profissional.

A questão número quatro, nos revela uma preferência pela informação antecipada por escrito para uma melhor compreensão da ação cultural. Este dado também pode ajudar na decisão do tipo de divulgação e registro que mais tem crédito entre estes profissionais. Vale refletir que a escrita é utilizada em vários portadores como: mídia física ou virtual.

Partindo destas observações, as possibilidades de planejamento das ações de formação ficam mais próximas do ideal e das expectativas evidentes na pesquisa. Isso significa que o primeiro movimento foi feito e é necessária muita atenção para que a ação não reproduza o modelo de formação até então promovido por esta equipe, a da Galeria.

BIBLIOGRAFIA

FREIRE, Paulo – Ação Cultural para a liberdade e outros escritos. 15. ed. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

FREIRE, Paulo – Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa – São Paulo: Paz e Terra, 1996 (Coleção Leitura).

DESGRANGES, Flávio – A pedagogia do espectador. São Paulo: Hucitec, 2010

DEWEY, John – A arte como experiência. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

BARBOSA, Ana Mae – John Dewey e o ensino da Arte no Brasil.3. ed. rev. e aum. – São Paulo: Cortez, 2001.

MARTINS, Mirian Celeste – Pensar juntos a mediação cultural: [entre]laçando experiências e conceitos. São Paulo: Terracota Editora, 2014.

MARTINS, Mirian Celeste; PICOSQUE, Gisa – Mediação Cultural para professores andarilhos na Cultura. São Paulo: Intermeios. 2012.

ANEXOS: MELODIAS QUE SURGIRAM DURANTE O CAMINHO

J O G O

Um animal: - GOLFINHO!

Um objeto: - PORTA!

Um sentimento: - ALEGRIA!

Um caminho: - ILUMINADO!

Um texto: - POESIA!

Justifique sua resposta.

GOLFINHO, animal das águas, sensível, inteligente, interativo, acalentador...

“conversa”, emite sons, comunica.

PORTA que limita os espaços mas com possibilidade de integrá-los. Pode ser simples ou sofisticada; bela na sua função de abrir caminhos... porém dura, quando exerce fechamento, tranca.

ALEGRIA é sorriso, brilho nos olhos, coração disparado, euforia; som de risos e a brisa em dia de calor.

ILUMINADO é o caminho por onde nos permitimos andar, às vezes tropeçar, até cair e desanimar, desde que tenhamos forças para levantar. É também caminho do pensar, com a ajuda de outros que nos falam, nos escrevem e nos contam experiências vividas... e através deles fazemos nossa trajetória, compomos nossa própria história.

POESIA é a vida; são as flores, as cores... É a melodia bem tocada, que move quem a ouve. É letra bem falada pela voz dos (EN)cantadores.

Rosemara – janeiro/ 2018

Um processo de mediação escrita.

Às vezes é difícil falar pela voz, mas é possível falar pela escrita. O tempo da escrita é mais democrático porque quem determina o tempo da fala é o autor. Conseqüentemente o ouvinte, também chamado leitor, administra o tempo e a frequência dessa voz.

Ouvir na escrita só é possível se a voz do autor já foi experimentada em algum momento, seja pessoalmente, por mídia auditiva ou audiovisual.

Assim, ao ler sua escrita também ouvimos a voz que emana dela. Quase como um diálogo, particular, se lido individualmente ou compartilhado, se lido em grupo.

Durante o curso de Gestão Cultural do Sesc, me encontrei várias vezes nesta situação, desde o início, quando nas aulas de políticas públicas, políticas da cultura, ética, dimensão da cultura,... tínhamos o privilégio de fazer a leitura de textos escritos pelo próprio pesquisador que havia ministrado a aula.

Também teve situações mais particulares onde não se teve uma aula propriamente dita mas, a mediação acontecia através de perguntas ou opiniões diversas, olhares expressivos e comunicativos.

No meu caso, a mediação escrita foi essencial já que a dificuldade da fala, por timidez talvez, proporcionasse pouca participação no espaço formal da aula. No entanto, me apoiei na busca e leitura de publicações, que nem sempre foram disponibilizadas no Moodle, mas que tiveram muito significado para aulas posteriores e também para a elaboração do trabalho final.

Essa experiência de busca e surpresas se tornou interessante no sentido de que não estava em “cartaz”, mas disponível para quem realmente se interessasse. Algo com gosto de escondido, no escuro, mas com vida e presença marcante. Um sabor de saber, de segredo, de exclusividade.

Assim, podemos conhecer a autoria, a sensibilidade, o processo de pensamento e experiência organizada de cada um que disponibiliza, publicamente, seu conhecimento ou seu saber.

Rosemara - março /2018